

EDITORIAL

O homem de hoje tem uma atitude bem diferente da do homem primitivo, do homem da idade média, ante a realidade que o rodeia. O homem primitivo era contemplativo; caía de joelhos, cheio de temor e tremor, diante daquilo que não entendia... diante do "mistério". Nós, porém, filhos da ciência e da técnica, não temos tempo para contemplar. Queremos transformar tudo. Somos, mesmo, irreverentes: não nos detemos ante o desconhecido, ante as coisas mais sagradas. Inquirimos tudo. Forçamos de mil maneiras a que a matéria se nos revele... por isso não descansaremos enquanto não "enxergarmos" o átomo. Estaremos satisfeitos, então?

Donde surge uma atitude nova: êste homem que somos — ninguém escapa desta influência — só acredita quando "vê". Só aceita aquilo que é palpável, aquilo que a experiência demonstra, aquilo que seus aparelhos de pesquisa detectam, ...aquilo que pode comprovar.

Como falar de Deus a êsse homem — impregnado do espírito científico? Deus, sabemos, é aquela realidade absoluta, um puro espírito sem

qualquer limitação. E por ser realidade absoluta é inacessível a qualquer tipo de experiência direta; não é detectável nem mesmo pelo mais poderoso radiotelescópio que ainda se queira construir. . .

Uma vez que Deus, como realidade absoluta, é inacessível, por definição, através de uma experiência direta, então uma fé racional em Deus deve ser possível, quando nossa própria realidade humana, experimentável, aponte para Ele. E justamente porque o homem, segundo sua natureza, existe conforme a maneira de entender e compreender-se só se poderá falar significativamente de Deus lá onde tais expressões estão intimamente correlacionadas com a autocompreensão humana. Não se pode, pois, fazer nenhuma afirmação sobre Deus que ao mesmo tempo não fale significativamente do próprio homem e vice-versa. Com isso queremos dizer: tão logo o pensamento humano descobriu, em sua reflexão, a historicidade da própria experiência concreta, tornou-se evidente que nosso falar sobre Deus deve crescer juntamente com êsse desenvolvimento. Por isso se compreende perfeitamente que o homem da era espacial não entenda nossas palavras, quando, discorremos sobre Deus, servindo-nos de uma linguagem que brotou de outras experiências humanas, de outras categorias, diferentes das categorias e experiências de hoje.

Falar, pois, de uma experiência de Deus, de sua possibilidade é talvez uma maneira de começar a falar inteligivelmente de Deus ao "homem do laboratório" que sempre mais experimenta, procura. . . Embora Deus seja uma realidade que

fuja a qualquer determinação científica, podemos — os homens — ter contudo experiências de Deus. Neste sentido o artigo de Jesus Hortal apresenta — numa panorâmica histórica — o problema da experiência de Deus no mundo atual, sendo que o problema de Deus no existencialismo, em particular, é focado por João E. M. Terra. Para o cristão, a experiência de Deus se baseia numa série de fatos históricos que culminaram na Encarnação... Já no livro de Tobias narra-se-nos uma experiência de Deus que se revela; e R. Paiva não nos fala da experiência de Deus ali vivida mas do gênero literário pela qual ela nos foi transmitida.

A experiência de Deus, dizíamos, se baseia numa série de fatos históricos... através dos quais Deus se revela como o Deus da aliança, como o Deus que salva, como o Deus que procura entrar em diálogo com um outro tu que é sua própria criatura. E se é Deus que **se revela** é lógico que o homem como indivíduo ou como povo tem e vive uma experiência de Deus, que é puro dom, oferta suprema do totalmente outro, como podemos ler no artigo de L. Pires.

Porque ninguém pode fazer experiência de Deus no mesmo sentido em que se faz experiências físicas, químicas ou terapêuticas, Deus não é manipulável. A experiência de Deus que para nós tem sua base numa série de fatos históricos concretos não terminou mas continua ao longo de toda a História que, de fato, é história de salvação. Por isso Deus continua sendo experimentado na ação salvífica do Cristo e de sua Igreja. Con-

tinua sendo experimentado de diferentes formas: na fôrça e na fraqueza, na desesperante angústia e na luminosa esperança, na cruz e na ressurreição e... mesmo no pecado. Por isso diferentes são as experiências de Deus que homens diversos viveram em momentos e circunstâncias várias: como é o caso do soldado americano, da segunda grande guerra, ao contemplar o céu estrelado do fundo de uma trincheira; a experiência do autor do bestseller: "Deus existe, eu o encontrei"; a experiência de P. Claudel naquela memorável noite de Natal... Mas êsse diálogo amoroso de Deus com sua criatura nem sempre é sensível, palpável. Nem por isso Deus está menos presente na vida de cada um que crê. No momento oportuno Deus se erguerá na nau em que estamos embarcados para ordenar aos ventos e às ondas...